



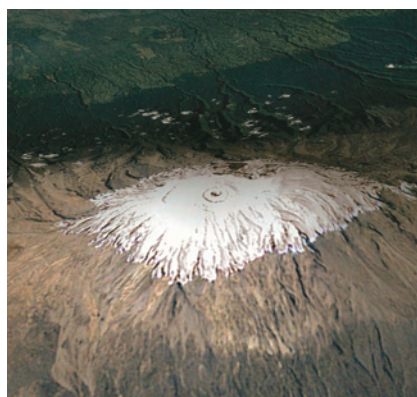
África e Ásia serão mais atingidas pelo aquecimento global, afirma o relatório

subsolo da Antártica para saber se a quantidade aumentou ou diminuiu e em que época isso ocorreu. Até 150 anos atrás, constataram que a quantidade de dióxido de carbono descarregado na atmosfera nunca excedeu a proporção perfeitamente aceitável de 280 partes por milhão (abreviada como ppm).

Então, a situação mudou drasticamente. A concentração de dióxido de carbono subiu para 379 ppm e continua a aumentar. E não apenas isso: a taxa de aumento foi de 1,9 ppm por ano de 1995 a 2005. Para os especialistas reunidos pela ONU, não há dúvida. O perigo é real. E a principal fonte de aumento do gás é o uso de combustíveis fósseis, com o desmatamento também contribuindo com uma parcela significativa, mas menor.

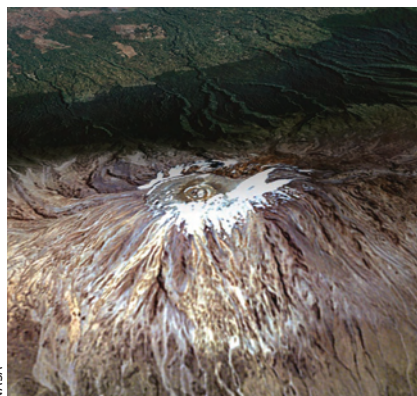
“Não se debate mais se a Terra está esquentando de forma sem precedentes nos últimos 10 milhões de anos”, afirma Brooks Hanson, editor da revista *Science*. “A questão agora é detalhar quais serão as consequências das mudanças climáticas.” É o que tentou estabelecer a **segunda parte do relatório do IPCC**, divulgada em abril, em Bruxelas, capital da Bélgica. E as previsões indicam falta de água potável, crescimento da pobreza, derretimento de geleiras e conseqüente aumento do nível do mar e o desaparecimento de 20% a 40% das espécies vegetais e animais se o aumento de temperatura for de 1,5 °C a 2,5 °C.

Um ponto importante é que o aquecimento global não afeta o mundo todo nem os vários países de maneira igual. Em um primeiro momento, as nações mais próximas do Pólo Norte (que já são as mais ricas) podem ser beneficiadas economicamente. A camada de gelo que encobre o Ártico encolhe ano a ano tanto em extensão quanto em espessura. Num futuro não muito distante, o norte do pla-



TOPO DERRETIDO

Estão diminuindo as neves eternas no alto do monte Kilimanjaro, o ponto mais alto da África: a foto ao lado é de 1993 e a outra, de 2000, ambas em fevereiro



NASA

neta Terra corre o risco de ficar totalmente sem gelo durante o verão. A Federação Russa e o Canadá poderiam ter safras melhores e invernos menos gelados nas próximas décadas. Mas os benefícios são relativos. Já está havendo, por exemplo, uma antecipação dos eventos da primavera, como emissão de folhas, migração de pássaros e postura de ovos. Animais e plantas do frio estão se deslocando em direção aos pólos e para altitudes mais elevadas. O mesmo ocorre com a distribuição e a migração de peixes.

Os mais afetados

O relatório prevê que África e Ásia serão os continentes mais prejudicados e, neles, os países mais pobres e com menor tecnologia e capacidade de adaptação, os mais atingidos. Nas regiões desérticas da África, as condições mais quentes e secas já estão provocando redução da época de cultivo. Até 2020, projeta-se que entre 75 milhões e 250 milhões de pessoas estarão expostas à maior escassez de água (veja matéria na pág. 190). Esse fato, conjugado com um aumento da demanda, fará com que os meios de subsistência já raros dos países africanos sejam ainda mais afetados.

Na Ásia, estima-se que o derretimento das geleiras do Himalaia aumente as inundações e avalanches de pedra e afete os recursos hídricos nas próximas duas ou três décadas. Depois, poderia haver uma diminuição de água, em razão da redução no fluxo dos rios, o que pode prejudicar mais de 1 bilhão de pessoas. As áreas costeiras, principalmente as mais populosas nos grandes deltas, correrão mais riscos, por causa do aumento do nível do mar e das inundações dos rios. Nesse caso, haveria mais doenças endêmicas, decorrentes das inundações e das secas posteriores, como cólera e diarreia.

O aumento do nível do mar, sua acidificação (provocada pela dissolução do carbono na água) e seu aquecimento devem afetar os corais e, conseqüentemente, a produção de peixes em regiões da Austrália, do oeste da África e da Ásia. Países localizados em ilhas, como Tuvalu, no oceano Pacífico, e Maldivas, no oceano Índico, podem sumir do mapa, bem como cidades costeiras e manguezais. Os países litorâneos em todos os continentes sofrerão mais com inundações e erosão na costa, com prejuízos para os ecossistemas terrestres e marinhos.

Até meados do século XXI, projeta-se que os aumentos de temperatura e a redução na disponibilidade de água possam substituir gradualmente parte da floresta tropical por savanas no leste da Amazônia. A vegetação se tornaria mais árida. Conforme o relatório, “há um risco de perda significativa da biodiversidade por causa da extinção das espécies em muitas áreas tropicais”. No Brasil, o Nordeste é a região mais sensível ao aquecimento global. Com a elevação de temperatura de 1,5 °C, parte do lençol freático poderá desaparecer. Os açudes correm o risco

de secar. Ao mesmo tempo, chuvas incomuns podem ocorrer em algumas áreas, ampliando a erosão do solo.

No Sul e Sudeste, a quantidade de chuvas não deve diminuir, mas as precipitações poderão concentrar-se em períodos menores, com conseqüências para a agricultura. Temem-se os efeitos do aumento do nível do mar em cidades litorâneas, como Rio de Janeiro e Recife. Os pesquisadores chamam atenção para a possibilidade de ocorrência de ciclones e furacões no Sul, como o que houve em Santa Catarina em 2004.

O que se pode fazer

Os terríveis cenários previstos pelos cientistas certamente terão conseqüências em termos estratégicos e geopolíticos. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos alerta para o fato de que o mundo atingido pelas mudanças climáticas será mais instável e perigoso. Haverá aumento de migrações e até mesmo invasões populacionais para obter recursos como água e alimentos. E os maiores problemas ocorrerão justamente onde já existem graves dificuldades políticas, como em partes da Ásia e da África. Em alguns locais, adverte o Departamento de Defesa, a tensão social causada pela fome poderia se tornar mais explosiva combinada com a tensão étnorreligiosa.

Há solução para isso? Sim, mas implica mudanças profundas no modo de vida do planeta. Isso é o que mostrou a **terceira parte do relatório do IPCC**, sobre estratégias e tecnologias destinadas a combater o aquecimento global, divulgado em maio, em Bangcoc, capital da Tailândia. O trabalho mostra que o mundo terá de fazer cortes significativos na emissão de gases do efeito estufa se quiser manter o aquecimento no limite de 2 °C neste século.

Na prática, significa que a sociedade moderna precisa reduzir a dependência dos combustíveis fósseis, promover a eficiência energética e ampliar o uso de energias renováveis e da polêmica energia nuclear, além de aplicar novos padrões na agricultura, na construção civil, no transporte e na coleta de lixo. O custo de estabilizar as emissões de CO₂ entre 445 ppm e 535 ppm, dizem os especialistas, seria de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial até 2030, com uma perda de 0,12% ao ano no crescimento econômico no mesmo período.

Uma verdade inconveniente



GETTY IMAGES/AFP/THE DALLAS MORNING NEWS

Há cinco anos, o ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore percorre o planeta chamando atenção para o aquecimento global. Nessa empreitada, ele se tornou o contraponto do atual presidente George W. Bush, que pouco tem feito para ajudar a resolver o problema.

O filme que Gore protagoniza – **Uma Verdade Inconveniente**, o mesmo título do livro sobre o assunto – ganhou o Oscar de melhor documentário neste ano e colocou o ex-vice-presidente na lista para ganhar o Prêmio Nobel da Paz de 2007. No filme, ele frisa que o aquecimento global “não é só um tema político, é um problema ético, moral, de sobrevivência da humanidade”. E faz uma chamada ao mundo para enfrentar a questão de maneira urgente.

Gore é ambientalista há muito tempo, tendo participado da Eco 92, realizada no Brasil, quando era senador pelo Tennessee, antes de disputar a Vice-Presidência na chapa de Bill Clinton pela primeira vez, no mesmo ano. Simpático, ele fatura bem com as centenas de palestras que dá anualmente sobre mudanças climáticas e também com a administração de um fundo

de investimentos “verde”, que aplica em projetos sustentáveis, o Generation Investment Management. O filme do qual participa – basicamente uma de suas palestras com efeitos especiais para tornar suas explicações sobre o aquecimento global mais acessíveis – já é o terceiro documentário que mais arrecadou na história. A fita obteve 45 milhões de dólares no mundo todo, vendeu 1 milhão de DVDs e recebeu o crédito por ajudar a mudar a opinião pública norte-americana sobre a questão do aquecimento global.

Atualmente, embora o presidente Bush se oponha a metas para controlar o aquecimento global, vários estados norte-americanos têm programas para diminuir as emissões de carbono. Por tudo isso, Gore tem chance de se candidatar à sucessão de Bush. Ele é um dos vários nomes que disputam a indicação pelo Partido Democrata (veja na pág. 64).

FURACÃO KATRINA

Moradora de Nova Orleans e seus dois filhos andam em meio à inundação, em agosto de 2005: possível conseqüência do aquecimento global